



# Surrealismo e simbolismo nos contos de Neira Vilas

«Verslehre oder Romantechnik sind erlenbare Gegenstände.»

Ernst Johann in *Literaturkunde*

Newton Sabbá Guimarães, ph. D.

José Luís Posada (ilustracións)

**Resumo.** Em *A muller de ferro*, o contista, dos maiores da sua geração e magno artista da língua, leva o leitor ao clima do fantástico. Trans-cende o chamado e tão discutível "realismo fantástico", cujo significado vem sendo exagerado pela crítica moderna. Leva-nos Xosé Neira Vilas ao sonho, e mais ainda do que ao sueño, leva-nos ao ensueño. Aproxima o homem da máquina, como já o fizeram, com intuítos políticos, George Orwell em seus romances, e o também inglês H. G. Wells. Mas em Neira Vilas é o puro encontro do homem com a fantasia, o que torna o seu conto inimitável. Foge do cariz político, tão prejudicial para a Arte. Os demais contos do livro são, igualmente, do mesmo porte, contudo A morte da árbore traz consigo algo de doloroso e de advertência aos homens para que se humanizem e se solidarizem, amando a natureza. O berro é a simbologia, tal qual a de certos contos de Poe e de Lovecraft.

**Abstract.** Xosé Neira Vilas, one of the best story tellers of his generation and a master of his language, brings the reader to a fanciful literary climate. He goes beyond the so called "fantastic realism", which is sometimes overdiscussed in modern ordinary literary criticism. He takes us to a very fantastic dreamland, much more than to a simple dream. He approaches man to machine, as George Orwell and H. G. Wells have done, but without any political implication, which makes his art inimitable. He escapes from the political seduction, so dangerous to pure art. All the tales of his collection are written in the same way, but A morte da árbore is a dolorous warning to men, calling them to become more humane and keeping solidarity with their brothers and with nature. O berro is a very symbolic piece and follows the same theme as Poe and Lovecraft.

## Descobre-se um bom contista

A leitura dos contos de Xosé Neira Vilas constituiu-se para mim em uma das mais encantadoras surpresas no que tange à moderna literatura galega em língua galega<sup>1</sup>. Terminei de ler *A muller de ferro*<sup>2</sup>, que me mostra uma faceta inteiramente desconhecida, a do contista.

O autor, mais conhecido como o romancista das *Memorias dun neno labrego* e de *Querido Tomás*, desvia-se agora da linha que vinha

1 A observação faz-se necessária pois existem na região autônoma da Galiza os partidários do uso do espanhol oficial: a obra desses espanholizantes, seja a criativa e ficcional, seja a de erudição e a de investigação, são produzidas em espanhol.

2 Neira Vilas, Xosé, *A muller de ferro. Contos*. Vigo: Galaxia, 1992.



seguindo até agora, a das recordações dolorosas de infância, das frustrações e do melancólico *retour au passé*, em que o seu romance mais bem sucedido e que nos brindou a personagem-símbolo de uma Galiza eterna e boa, Sara, era tão farto. A infância nas páginas de *A muller de ferro* aparece ainda, mas tão parcamente, quase que diria, de raspão. Há um *turning point* na sua narrativa, e na maior parte dos contos um denso e surpreendente apelo a uma nova estética tem lugar. Em vez de homens e mulheres fracassados e que se voltam ao reino da infância em busca de natural resgate, surgem seres inanimados, bichos de estimação, seres fantásticos que a imaginação

cria, aos quais o narrador dá forma humana. O efeito da antropomorfização nesta série de contos é simplesmente fantástico. Não se faz presente o forte esteio autobiográfico que o autor confessa<sup>3</sup> estar presente em algumas cenas dos seus mais conhecidos romances como *Querido Tomás*.

O realismo fantástico de García Márquez, assim como certo clima de terror à Julián Green de *Le voyageur sur la terre*, se fazem presentes em alguns dos contos fortes e estranhos de *A muller de ferro*, mas de permeio o clima onírico que perpassa por algumas de suas páginas mais densas e intrigantes. Poder-se-ia dizer que a característica dos seus contos é justamente criar um clima de sonho algumas vezes, outras de pesadelos como os que vive a personagem desafortunada de Léviathan e que, pela magia de Green, consegue assenhorear-se do leitor, assim como acontece com alguns dos melhores contos de Neira Vilas.

3 Escreve o contista: “É dicir, hai un ambiente e unha época que son os meus (anos 40 do s. xx), e algún detalle autobiográfico, moi poucos”; in: Carta ao Autor, datada de Gres, 04 de maio de 2010.

Onde foi Neira Vilas buscar essa temática para construir os seus contos, quase todos eles curtos, de no máximo três páginas, em que o seu admirável poder de condensação caminha parêlo com a inventiva mais fulgurante que o leitor possa imaginar? Como ele mesmo explica em carta, lê muito e as suas leituras são as mais variadas e discrepantes. Quando lhe perguntei certa ocasião que autores estrangeiros mais lhe mereciam a simpatia e a necessidade de uma releitura, não hesitou em apresentar nomes que entre si apresentavam imensas diferenças estéticas, e incluíam escolas literárias e movimentos que iam do pós-Renascimento aos dias de hoje, como Cervantes, Quevedo, Miguel Delibes, Alejo Carpentier, García Márquez, Howard Fast, Tolstói, Machado de Assis. Foi sincero nas suas respostas: «Leo de todo, procuro o molde máis adecuado para o que quero escribir, e non ando buscando modas, nin escolas (a relación que che dei arriba é escasa, con nomes que son só algúns dos moitos que admiro e sigo)»<sup>4</sup>. É provável que nesta resposta esteja uma pálida exposição do que se nota nos seus contos.



### Entre o realismo fantástico e La Fontaine

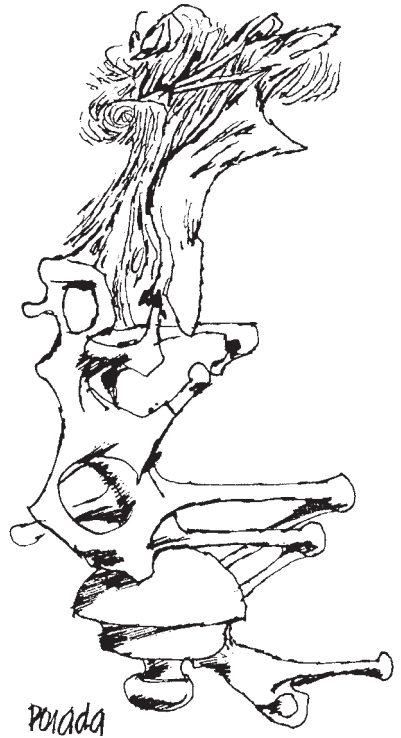
Contudo mais próximo do que obras do colombiano, Carpentier e Cervantes, os contos de Neira Vilas parecem buscar a sua inspiração em um grande contista português do simbolismo, hoje infelizmente um tanto esquecido, que nos deixou um dos mais belos livros rurais da literatura portuguesa, *Os meus amores*. Nem posso dizer se o con-

4 In: Carta ao Autor, datada de Gres, 04 de maio de 2010.

tista já leu Trindade Coelho, uma vez que dos autores de língua portuguesa, apenas incluiu o criador de *Quincas Borba*. Não está longe também das *Fables* de La Fontaine, dos *Contes* de Perrault e das fábulas de Esopo. Sim, porque as personagens do contista, além das masculinas, homens rudes e duros, com os pés firmemente fincados na terra galega, são em boa parte animais típicos dos campos, o boi, o burro, o lobo, as ovelhas, e animais caseiros como o gato, o cachorro, a galinha, os ratos. E pensam maduramente, falam com inteligência e discernimento. Símbolos, alusões, antropomorfização de seres inanimados ou de pequenos animais aos quais faz falar com os homens e até mesmo ensinar-lhes a difícil arte de viver.

Neira Vilas foi muito feliz nos seus contos, para os quais parece ter dado o melhor da sua fantasia. O clima sombrio que encontramos na maioria dos contos de Trindade Coelho e de António Patrício persiste no romancista de Gres em que uma absorvente atmosfera de solidão e frustração toma conta das personagens e move o enredo, como se as personagens estivessem a esconder os seus fracassos nas suas fantasias e nos sonhos, levando o enredo para desfechos inesperados e sombrios, assim como o faziam os dois autores citados. Há uma aproximação entre os contos do escritor galego e os do português Trindade Coelho pela narrativa em que os bichos são personagens junto com os campônios e com o segundo pelo clima de névoa e mistério que pervaga pelo livro. Do primeiro pela introdução dos bichos entre as suas personagens mais bem acabadas. Contudo, é bom que façamos uma advertência ao leitor mais apressado. Trindade, na sua ternura e compreensão pelos animais, não lhes empresta o sopro divino, não lhes dá alma: eles continuam para sempre animais, mesmo dóceis e apegados aos seus donos, mesmo respondendo às carícias ou sofrendo ante os maus tratos, enquanto o contista galego dá-lhes vida e uma inteligência igual à do homem. Com que delicadeza e sensibilidade ele faz os animais errarem pelas páginas dos seus contos, sentindo e sofrendo como seres humanos! E mais, e aí que está o seu ponto alto, traz o mundo fantástico do sonho para o mundo dos animais. Não somente possuem um sopro vital, mas a alma que os engrandece e que os torna semelhantes aos donos.

A personagem de Neira Vilas, que parece esconder-se sempre, refugia-se porém no mundo misterioso do sonho. Os apólogos são canonizados por essa prosa poética que é uma das características da arte narrativa do autor que nos deu com *Nai*, livro de resgate da memória materna e seu pequeno mundo rural, um dos mais belos espécimens de prosa poética, ou no seu terso e limpo estilo que consegue casar clareza e simplicidade. Ele é, já o frisei em outros estudos sobre a sua obra e ao apresentar a tradução do seu livro de evocações da figura materna, esse belo *Nai*, tantas vezes já citado, um estilista de primeira linha, dos melhores com que conta a literatura galega no campo da ficção. Os contos de *A muller de ferro* nem sempre possuem o americaníssimo *happy end*, mas quase sempre desembocam nos arraiais do sonho, do engano, da pura enganação, da surpresa, do desapontamento mais inesperado. Aqui outra advertência também necessária, porém: não é a personagem que engana o leitor com as suas artes, com as suas sortidas, as suas trapalhadas, mas, curiosamente, é o leitor que se engana. Ele imagina o que não há, ele quer ver o que não existe. Até o último instante o leitor laborará em erro e somente nas linhas finais reconhecerá que se enganou. Truque para deixar em suspense o leitor? Ou arrependimento se as coisas parecem encaminhar-se para um desfecho feliz, pois a vida nem sempre tem desfechos felizes? E vai além, pois encaminha o fim da narrativa para um desfecho também de fundo didático e moral. O que existe de moral neles, como nas fábulas de La Fontaine, está na ilusão do narrador, mais do que no seu findar. O apologal nos seus contos é uma insistente recorrência. E esses apólogos levam a uma paisagem não apenas de alto fundo moral, quanto servem para advertir o leitor dos perigos





dos enganos e dos sonhos. É um erro sonhar, então?, parece perguntar-se o seu leitor. Não, não é, mas desnorteia, isto sim, desnorteia. No bom sentido, os contos de Neira Vilas assumem uma função didática e moralizante, de alerta para o desgaste do homem, mas contêm uma espécie de profundo chamamento à pátria galega, ao mundo rural, enfim, um forte apego telúrico, este presente e recorrente em quase todos os livros ficcionais do romancista.

### Um fruto atrasado do simbolismo

A seleção de *A muller de ferro* é sobretudo um fruto muito atrasado do simbolismo, *malgré lui*, e de um surrealismo que persiste em romancistas que enveredariam pelo que chamaram de realismo fantástico. Quando Neira Vilas, em momento de espontânea confissão, negava prender-se a esta ou aquela escola literária, como se dissesse que tudo isto de escolas e movimentos literários não passam de caprichos dos tratadistas e teóricos, foi sincero, foi natural e está de acordo com o enveredamento por onde levou a sua vasta obra literária. Não digo que o escritor sinta desprezo ou de propósito ignore os fundamentos das escolas literárias. Talvez não seja isso, mas a vontade de dar rédeas soltas aos seus sentimentos, ao seu gênio criador, à sua missão de participar da renovação das letras galegas permanecendo sempre ligado aos velhos valores galegos. É preciso que nada mude para que alguma coisa mude, dizia com ironia e sabedoria do herói do grande livro do príncipe Giuseppe di Lampedusa. Mas há momentos em que ele parece definitivamente seguir os princípios estéticos do simbolismo, ao criar tipos e situações em que símbolos

lhe dão vida. Queira ou não, há traços simbolistas na sua obra de ficção, quando ele mergulha de cabeça nesse movimento pela escolha dos temas, o seu tratamento, as paisagens que criam vida em que se agitam personagens pintadas segundo processos daquela escola. Com isto consegue fazer Neira Vilas o seu maior esteio estético. E no mudar para que nada mude... Penso, então, no simbolismo de certas situações e personagens. Há símbolos na criação de tipos como Indival, aquele que se empareda para fugir dos gemidos e do mundo e morre emparedado: ele não pretende esconder nenhum crime como Poe no seu conto antológico do gato preto, mas fazer-se surdo ao sofrimento da vida que o cerca com as suas dores, misérias, maldades. Busca na auto-imolação uma fuga à dor universal. No seu emparedamento «non chegaría o noxo daquelas voces doridas de eivados e nenos e mendicantes» esperando que «no escuro das lousas teña atopado acougo»<sup>5</sup>. Indival pode ser analisado como covarde, egoísta ou um sujeito que sofre pelo outro e, como não tem forças para alterar a triste condição de viver, fecha-se para sempre, protegido pelo silêncio. Sim, encontra o sossego da morte, o maior dos silêncios. Outra personagem desconcertante é o senhor Manuel, o homem-mistério, de quem tantas coisas se diziam ora com admiração, ora com medo. Ele é puro mito popular, é credence e fantasia das mais descabeladas. Era o homem que só existe dentro do seu mistério e na imaginação dos ingênuos. Morava no monte, entre névoas, até que um dia aldeães, pobres e necessitados, resolvem ir até à moradia de Manuel, o misterioso. Montes e nevoeiros são símbolos do inatingível e de mistério. Manuel é também puro mistério. Os curiosos desejam quebrá-lo e descobrir o que há na costa escondida nos montes e o que há em Manuel. Querem *des-vendá-lo* e querem a sua ajuda. Sobem o monte enfrentando mil dificuldades até onde está o homem de quem toda a comarca falava e efetivamente encontram-no teso e garrido, mas silencioso, coberto com longa capa. Quando alguém mais afoito, por não ouvir o menor ruído nem ter resposta às suas perguntas, resolve puxar-lhe a roupa, toma um susto. «E de seguida un berro colectivo; un berro de sorpresa, cun ecoar que

5 Op. cit., p. 32.

fuxiu monte adiante. O señor Manuel non existía. Todo tiña sido un conto. Debaixo daquela roupa do trinque había unha pedra alongada. Namais. Unha pedra comesta polo tempo»<sup>6</sup>. Neste conto surrealista encontramos o retrato da fantasia da gente simples, que facilmente cria mitos, e neles vive sem pensar que basta que olhos mais lúcidos vejam que o rei está nu e que toda a roupa mágica que lhe fez o alfaiate ilusionista e trapalhão não existia. É a sandice humana que palpita nos dizquemedisses dos homens. «A casa engruñada» é um conto fantástico nos moldes de Poe e Lovecraft, sem tirar nem pôr. No conto «O corgo», a luta inglória do jornaleiro que cai no buraco e não consegue escapar é a metáfora da própria solidão humana, do desamparo em que todos nos encontramos mais ou menos. Em «Letreiros» um pequeno penedo é desfigurado por letreiros com nomes de pessoas que queriam ali deixar a sua marca eternizada, em gesto de vaidade e orgulho, e fazem-no de tal maneira que nada mais escapa aos letreiros, já causando brigas e deseonforto entre os moradores da localidade, até que uma chuvarada muito forte derruba os letreiros e desfaz o penedo. Em «O berro» é outra metáfora, muito triste, para aqueles que tudo protelam na vida e quando resolvem fazer algo já é tarde demais. Ela simplesmente tencionava dar um grito muito forte e jamais o fez, e quando o quis fazer já não tinha forças nem a garganta obedeceria. Em «O home e o gato» é a mesquinharia do ser humano em sempre querer ser servido e, uma vez atingido o alvo, abandonar e esquecer quem o serviu. O gato dá-lhe uma lição que aproveita a todos. Quando o gato «raciocina», assumindo ares de criado que muito serviu e depois de tudo for posto de lado, o autor critica a própria estrutura social em uma visão pessimista do homem.

### **Nas pegadas pessimistas de Schopenhauer**

Por sinal, Xosé Neira Vilas é um escritor profundamente descrente do homem, schopenhauerianamente pessimista e acredito que faz bem. Cobriu-se da tristeza universal. Um homem bom, que, por outro lado, acredita na força moralizadora das letras, ele não eonse-

6 Op. cit., p. 36.



gue esconder um certo desencanto com o seu semelhante do que se corrige e esperando corrigir outros através dos apólogos e alusões tão freqüentes a sua obra. O nosso Machado de Assis era assim, como o fora também o mestre de todos, Laurence Sterne, como o foi Somerset Maugham. Mas em Xosé Neira Vilas o desencanto não agride, nem sequer faz entristecer o leitor. Este entristece-se porque o mundo é triste e o contista nô-lo recorda através da sua *scriptura*, absolutamente serena, pausada, mesurada. Há, contudo, passagens muito tristes, como a do pobre homem que é engolido pela lama, ou a do cego que é enganado por outro e deseja manter-se assim para sempre, recusando-se a ver outra vez, sem aceitar tratamentos que lhe tragam de volta a visão, e termina por encerrar-se em uma vala onde morrerá, cego, teimoso e silencioso. Ou a estória dolorida de «Tirabeque», o cão doente, que é mais sábio do que os seus donos e que vê o mundo ao revés. Outras vezes, Neira Vilas quase que adverte o seu leitor que é preciso encarar o mundo e os seus pavores como se nada de anormal existisse. Trata-se da vitória do homem sobre as forças sobrenaturais, sobre as pequenas misérias que dominam o mundo. De vencer os gigantes da alma, um dos quais é o medo, que tanto enfraquece quem por ele se deixa levar. «O faiado» é a força que há no medo até que algo tudo sacode e vê-se então que não há motivos para medos. É o que existe além do guarda-roupas do conto sempre citado de C. S. Lewis. «O faiado convertérase nun misterio para nós», não se tratava de um desvão, mas do obstáculo que achamos maior do que é na realidade e acreditamos que ele nos impedirá de seguirmos adiante, é o que nos ensina o contista. O desvão é apenas um símbolo encantado e cujo desencantar está em nosso poder. Há porém uma inutilidade nas coisas, parece advertir com um sorriso no canto da boca, misturando ironia e piedade, o narrador onisciente que tudo sabe e vê e desvenda. A sabedoria desse narrador está impregnada de força telúrica, da observação piedosa dos que nos cercam. Uma filosofia do viver prático. O dono do ferro velho não fazia outra coisa que juntar pedaços de ferro e armazená-los até que de tantos que eram já não deu conta do seu volume e morre espetado ao cair entre eles. O conto, no mais acabado estilo surreal, traz consigo uma lição que não duvido chamar de moralizadora e

advertência a que devem estar atentos os que dela tiverem conhecimento. O clima fortemente onírico faz-se presente nos dois contos intitulados «A muller de ferro», que dá nome à coletânea de contos, e «A morte da árbore», este possivelmente o mais bem escrito e belo do livro. Julien Green, em livros sombrios como os já citados *Léviathan* e *Le voyageur sur la terre*, faz com que o leitor participe do sonho que envolve os seus romances e contos, ou melhor dizendo, de pesadelos, pois se ambos buscam no clima onírico uma válvula de escape para cenas inusitadas, para situações em que o real cede passo ao fantástico, as aproximações ficam por aqui. Green é um escritor de angústias indizíveis, de muito sofrimento interior que, mesmo sendo um artista da língua francesa, não consegue passar a mim, seu leitor, a serenidade do artista que trabalha uma língua de artistas e do primoroso artista que foi e que se realiza na sua *scriptura*. Antes deixa-nos a impressão de sofrimento intenso no momento em que escreve, enquanto Neira Vilas é sereno, plácido, perfeitamente equilibrado. Não se mantém distante, frio, a ver o trem passar ao longe. Um dos emigrados do pós-guerra civil, deve ter lutado muito nas Américas. Vivendo depois em uma das mais cruéis e atrasadas ditaduras do Ocidente. teve sem dúvidas uma lição de sobrevivência e resistência. Sei pouco da sua vida para pretender aproximações autobiográficas. No entanto, não creio que um fraco produzisse personagens cujo vigor assusta. Green foi também um emigrado, deixou a América para viver em França adotando a língua francesa para compor a sua obra, só que não veio a Paris para buscar o pão nosso de cada dia: veio com o pai, veio com a família, em busca de um mundo refinado intelectualmente e que a sua rica e poderosa pátria não lhe oferecia. Como outros americanos da mesma época: Hemingway, Henry Miller, T. S. Eliot, Ezra Pound e outros que preferiram o exílio parisiense ou londrino, esquecendo a terra da liberdade. Muitos voltaram, mas houve os que preferiram de vez a Europa, mas que eu saiba, nem um renegou a própria língua, como Julien Green. Curiosamente as personagens de Green não têm forças, elas não lutam contra os pesadelos nem contra os fantasmas que os perseguem em formas de rupturas de uma normalidade no seu viver, enquanto as de Neira Vilas são vontadosas, persistentes, teimosas

mesmo que essa vontade, essa persistência, essa teimosia se voltem quase sempre contra elas. Swedenborg, o admirável místico, achava na sua *Sabedoria angélica* que «o esforço vivo no homem que é um sujeito vivo, é a sua vontade unida a seu entendimento; as forças vivas no homem são as partes que por dentro constituem seu corpo, em todas estas partes há fibras motrizes entrelaçadas de diversas maneiras; e o movimento vivo no homem é ação». Os homens de Neira Vilas são cheios de vontade, eles partem para a ação. Mas neles a teimosia não é sabedoria: como se fosse o cano torto de uma espingarda, o tiro é sempre disparado contra ele próprio. O dono do ferro-velho é sujeito forte e ninguém pode dizer que não seja homem de ação, nem que lhe falte persistência, só que as volta contra si próprio, como acontece com o cego.

Voltam as suas forças, a sua persistência, a sua teimosia, o seu silêncio, contra si próprio. Apontam o cano retorcido da sua carabina contra o próprio corpo. O sonho que ele com alguma frequência quer que o leitor viva e participe, é de outro feitio, quase inocente, como o do conto «A mulher de ferro», em que trabalhadores viajam de caminhão e onde um deles sonha com a bela mulher, inteiramente de ferro, mas tão sedutora que arrasta os homens atrás de si, apaixonando-se. Pela intensidade da descrição dessa sedutora insensível, o leitor também se deixará dominar pela dúvida, talvez fazendo-se uma pergunta: será que Oural havia enlouquecido ou estaria embriagado para tão insistentemente falar de uma mulher de ferro? Mas quando o narrador explica «¡Soña un cada cousa!», encaminha o leitor pelas mãos para um mundo de sonhos, afastando a idéia de loucura em Oural, porquanto, logo adiante, conclui, deixando o lei-



tor bem mais tranqüilo quanto à sanidade mental do amante da mulher de ferro: «Oural calara. Apreixou contra si a certa arrombada, engruñouse derriba dos sacos e voltou a durmir»<sup>7</sup>, com o que se chega à conclusão que tudo não passou de um sonho de trabalhador cansado, de um pobre feirante esgotado da jornada na feira. Em outro conto, em que antropomorfiza um vegetal, o homem fala pela árvore em um sonho sem sentido, mas do qual brotará uma advertência de bondade e compreensão para com os seres inanimados e para com as plantas, uma oração de são Francisco de Assis em prol dos inanimados.

### Fiel à trajetória

O contista de *A muller de ferro* não desmerece em nada o memorialista de *Nai* ou o romancista sempre elogiado de *Querido Tomás*. Pelo contrário, parece completá-los. Direi mais ainda: se Xosé Neira Vilas houvesse escrito apenas estes contos sobre os quais acabo de escrever estas linhas, ele já teria direito a um lugar perpétuo na ficção da literatura galega dos nossos dias e poderia buscar o reconhecimento que lhe é devido. Escreveu-os com elegância, no mais poético estilo galego dos nossos dias. A sua riqueza vocabular, a agradável serenidade da sua *scriptura*, a crença na importância moralizadora e morigeradora da literatura, tudo isto faz do autor de *A muller de ferro* um escritor sem qualquer favor um dos mais representativos ficcionistas galegos dos nossos dias.

Campus de Irati, 25 de maio de 2010

Corrigido em 3 de junho de 2010

7 Op. cit., pp. 12 e 13.